



PSICANÁLISE

Adriana Pontelli

*organizadora*

# Conexão Fepal

**Blucher**



# CONEXÃO FEPAL

*Organizadora*

Adriana Pontelli

*Conexão Fepal*

© 2024 Adriana Pontelli (organizadora)

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE FEPAL: PSICANÁLISE LATINO-AMERICANA

COORDENADORA CIENTÍFICA MARINA MASSI

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Rafael Fulanetti

*Coordenação de produção* Addressa Lira

*Produção editorial* Quirino Edições

*Diagramação* Joyce Gama Rosa

*Capa* Laércio Flenic

*Colaboração* Leo Mangiavacchi (designer – Fepal)

*Arte* Adriano Mangiavacchi (14/05/1941), *Memoria urbana n°16 (1994)*,

90 x 90 cm, Técnica Mixta

## Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Conexão Fepal / organizado por Adriana Pontelli. - São Paulo : Blucher, 2024.  
256 p. (Série Fepal / coordenadora Marina Massi)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2233-0

1. Psicanálise 2. Racismo 3. Sexualidade 4. Migração I. Pontelli, Adriana II. Massi, Marina III. Federação Psicanalítica da América Latina IV. Serie

24-4070

CDD 150.195

Todos os direitos reservados pela  
Editora Edgard Blücher Ltda.

Índice para catálogo sistemático:  
1. Psicanálise

# Conteúdo

Introdução 17

*Adriana Pontelli*

**Conexão Fepal #27 – Democracias latino-americanas ameaçadas**

Editorial

1. Democracias vulneradas 23

*Adriana Pontelli*

Perspectivas

2. A nuvem do golpe 27

*Ana Valeska Maia Magalhães*

3. Democracia à deriva 31

*María Luisa Silva*

4. Democracias latino-americanas ameaçadas 33  
*Fernando Orduz*

Manifesto

5. Declaração da IPA: ataques brutais à  
democracia em todo o mundo 35

Conversações

6. Entrevista a Wania Cidade 37  
*Ximena Méndez*

**Conexão Fepal #28 – Migrações**

Editorial

7. Um estado de deriva e incerteza 41  
*Adriana Pontelli e Ana Valeska Maia Magalhães*

Perspectivas

8. Migrações 45  
*María Cristina Fulco*

9. Narrativas e deslocamentos 49  
*Patrícia Bohrer Pereira Leite*

10. Navegando nas memórias coletivas: uma introdução à  
identidade social 53  
*Diana Zac e Isabel Mansione*

Interseções

11. É possível um mundo sem fronteiras? 55  
*Renato Nogueira*

## Conversações

12. Em Língua Viva: Fepal Hoje entrevista Marina Massi 59  
*Alicia Ángeles Ramírez*

## Marcadores de Calibán

13. Migrações e exílios 61  
*Gabriela Levy*

**Conexão Fepal #29 – Mulheres**

## Editorial

14. As várias facetas do universo feminino 67  
*Adriana Pontelli e Ana Valeska Maia Magalhães*

## Perspectivas

15. Mulheres protagonistas 71  
*Patrícia Alkolombre*
16. Mulheres. Tempos. Lugares 75  
*Graciela Cardó Soria*
17. As mulheres desde uma perspectiva psicanalítica própria 79  
*Julio Casillas Ledesma*
18. A colonização do feminino: realidade  
 para mulheres indígenas e latinas 83  
*Natalia Mudarra, Maydel Martínez e Cecibel Arias*

## Interseções

19. A menina 87  
*Camila Chaves*

Conversações

20. Em Língua Viva: Fepal Hoje entrevista Zoila Ortiz 91  
*Natalia Mudarra*

Marcadores de Calibán

21. O multiverso feminino 93  
*Cláudia Carneiro*

**Conexão Fepal #30 – Racismo**

Editorial

22. Um mal-estar estrutural 99  
*Adriana Pontelli e Ana Valeska Maia Magalhães*

Manifesto

23. Racismo e violência 103  
*Conselhor Diretor*

Perspectivas

24. A psicanálise está alinhada às práticas antirracistas? 105  
*Wania Maria Coelho Ferreira Cidade*

25. O Racismo, nossas Instituições e (in)quietas-ações 111  
*Paola Amendoeira*

26. Comentários sobre a obra de Carlos Macusaya:  
“En Bolivia no hay racismo, indios de mierda”.  
Notas sobre um problema negado 115  
*Andrés Gautier Hirsch*

27. Colonização na América Latina 119  
*María del Carmen Cayupán*

Interseções

28. Reflexões sobre racismo e psicanálise 123  
*Sônia Beatriz dos Santos*

Conversações

29. Em Língua Viva: Fepal Hoje 129  
 entrevista com Diana Zac  
*Alicia Ángeles Ramírez*

Marcadores de Calibán

30. Racismo 131  
*Alicia Briseño*

**Conexão Fepal #31 – Diversas configurações sexuais e de gênero**

Editorial

31. Para uma maior abertura na escuta 137  
*Adriana Pontelli e Ana Valeska Maia Magalhães*

Perspectivas

32. A sexualidade interpela novamente a psicanálise 141  
*Natalia Mirza Labraga*
33. Psicanálise e gênero: escuta das dissidências 145  
 e criação de uma nova epistemologia  
*Mariana Pombo*

34. Notas sobre as configurações sexuais e de gênero diversas 149  
*José Galeano*

35. De lógicas, espaços e tempos justapostos:  
sexualidades diversas 153  
*Mónica Santolalla*

#### Interseções

36. Não fomos longe demais? Provocações em torno  
da linguagem inclusiva 159  
*Luciana Almada e Facundo Boccardi*

#### Conversações

37. Em Língua Viva: Fepal Hoje  
entrevista María Pía Costa 167  
*Alicia Ángeles Ramírez*

#### Marcadores de Calibán

38. Diversidade sexual e de gênero em Calibán 169  
*Samantha Nigri*

### Conexão Fepal #32 – Reflexões sobre a paz

#### Editorial

39. Por que a paz? 175  
*Adriana Pontelli*

## Perspectivas

40. O mal-estar na civilização, o crescimento emocional e o fanatismo 181  
*Sérgio Lewkowicz*
41. E a paz, José... 185  
*Bernardo Tanis*
42. Lógicas do silêncio e do esquecimento: recortes para angústias em tempos de guerra 191  
*Carolina García Maggi*
43. Pax freudiana 197  
*Mariano Horenstein*
44. Vingança e desumanização do adversário: *via regia* à barbárie 203  
*Alberto César Cabral*
45. Paz entre Israel e Palestina? 207  
*Andrés Gautier Hirsch*
46. A paz é perigosa 213  
*Thércio Andreatta Brasil*
47. Reflexões em busca de uma Paz atual 217  
*Iván Gutiérrez Cuadrado*
48. Faça amor, não guerra 223  
*Fernando Orduz*

Conversações

49. Entrevista com Marcelo Viñar 227  
*Ximena Méndez*

Marcadores de Calibán

50. Paz 229  
*Silvana Rea*

**Anexos**

Efemérides

51. Efemérides em uma tentativa de ressignificação 235  
*Cecilia Moia*

Entrevistas e podcasts: vozes da Fepal

52. Tomar a voz na construção da Psicanálise Latino-americana 243  
*Ximena Méndez*

- Sobre os autores 251

# — CONEXÃO —

FEAL 

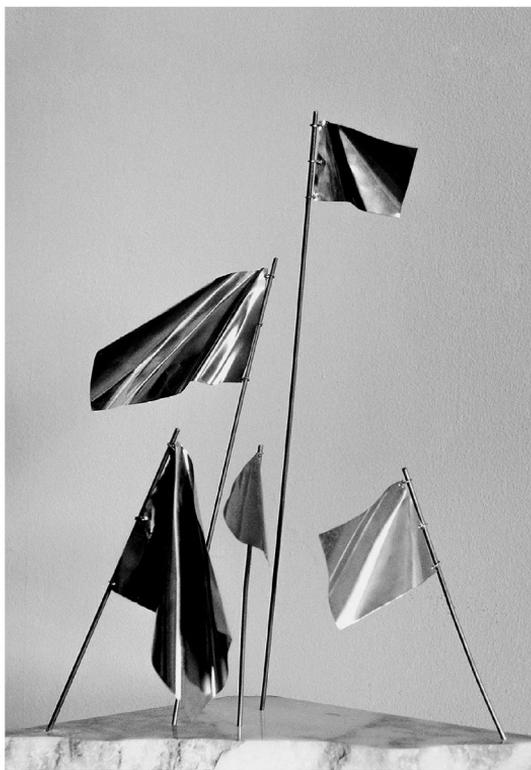


# — CONEXÃO —

FEAL 

#27

Janeiro 2023



**DEMOCRACIAS  
LATINO-AMERICANAS  
AMEAÇADAS**

*Equipe editorial*

*Adriana Pontelli* Diretora de Publicações da Fepal  
Psicanalista da Associação Psicanalítica de Córdoba (APC)

Alicia Ángeles Ramírez  
Analista em formação da Sociedade Peruana de Psicanálise (SPP)

Ana Valeska Maia Magalhães  
Analista em formação da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR)

*Carolina García* Editor-chefe da Calibán  
Psicanalista da Associação Psicanalítica de Uruguai (APU)

*Lúcia Palazzo* Diretora Suplente de Publicações da Fepal  
Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

*Marina Massi* Coordenadora Científica da Fepal  
Psicanalista da Sociedade de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

Natalia Mudarra  
Psicanalista da Associação Panamenha de Psicanálise (APAP)

Ximena Méndez  
Analista em formação da Associação Psicanalítica de Uruguai (APU)

*Walter Eduardo Lisboa* Tradutor

*Leo Mangiavacchi* Designer gráfico / Diagramador

*Imagem da capa* Postos Opostos #1, de Cadeh Juaçaba\* (fotografia ano 2021).

\* Cadeh Juaçaba, nascido em Fortaleza, Brasil, é artista visual e formado em Publicidade. Escultura, pintura e fotografia são as linguagens escolhidas por este autor para explorar as relações dos símbolos nacionais com a identidade, a pertença e a memória. A sua exposição “Eles não sabem as armas que têm”, chegou a Lisboa em 2019. Além disso, seu trabalho foi várias vezes capa da revista O povo.

## EDITORIAL

# 1. Democracias vulneradas

*Adriana Pontelli*

O novo ano nos encontrou com o ânimo abalado pelos complexos acontecimentos políticos e sociais que vêm assolando alguns países da América Latina; ao mesmo tempo, na Equipe de Publicações da Fepal, amadureceu – não sem uma significativa dose de audácia – o desejo de transformar o boletim informativo *Conexão Fepal* em um projeto editorial virtual. Essa convergência de circunstâncias nos levou a propor uma publicação como espaço de circulação de ideias, que oferecesse a possibilidade de atravessar a indignação como cidadãos e sair da perplexidade, para pensar, a partir da psicanálise, as dinâmicas que se repetem nesses fenômenos sociais. Por essa razão, escolhemos para a primeira edição o título *Democracias latino-americanas ameaçadas*, em consonância com a Declaração da IPA: *Ataques brutais à democracia em todo o mundo*.

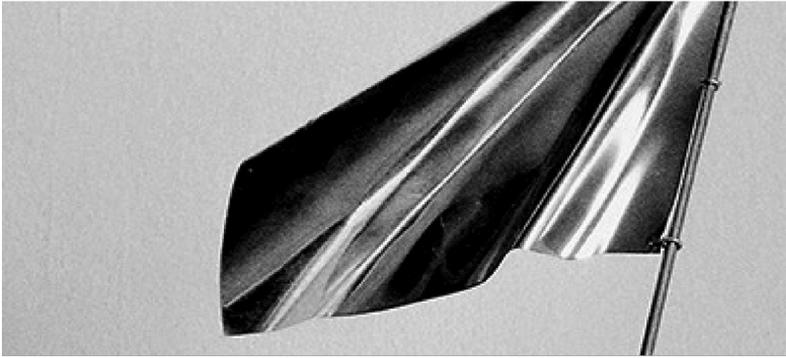
Na capa, a obra *Postos Opostos #1*, de Cadeh Juaçaba, acompanha o espírito desta edição. Este artista visual brasileiro, por meio dessa fotografia, manifesta sua intenção de questionar e provocar reflexões. A composição de bandeiras feitas de latão, como telas que ondulam em direções opostas, representa a polaridade, um dos sintomas sociais que padece seu país.

Três psicanalistas – de Brasil, Peru e Colômbia – foram convidados a escrever na seção *Perspectivas*, a fim de compartilhar suas

visões sobre os conflitos políticos e sociais em seus países. Em uma crônica detalhada intitulada *A Nuvem do Golpe*, Ana Valeska Maia Magalhães comenta os fatos ocorridos no dia 8 de janeiro em Brasília, quando milhares de bolsonaristas, rejeitando os resultados das eleições presidenciais, invadiram a Praça dos Três Poderes. A autora analisa como “o porta-voz do delírio negacionista apresenta-se como um pai ungido pelo divino, que não teme a lei. E os filhos, empoderados pela chancela da autoridade paranoide distanciam-se da realidade, acreditando que tudo podem”. De outra região sul-americana, a psicanalista peruana María Luisa Silva fala sobre o mal-estar vivido em seu país. Em seu artigo *Democracia à deriva*, ela aponta que “uma severa crise – onde o desgoverno, o tribalismo, o fanatismo do pensamento único e o ataque à alteridade dominam o cenário social e político –, nos coloca não apenas diante de uma democracia ameaçada, mas diante da impossibilidade de sentir sequer que somos compatriotas”. O denominador comum dessas crises mencionado pelas autoras é a desestabilização de uma ordem constitucional. No entanto, no âmbito desse sistema de governo, as violências de uma desigualdade social formalizada também podem permanecer estáveis e naturalizadas. É o que nos adverte Fernando Orduz ao comentar a situação na Colômbia em seu artigo *Democracias latino-americanas ameaçadas*. “Sob o manto da chamada democracia mais antiga do continente, esconde-se uma dinâmica social baseada em um fratricídio feroz que não cessa em seu horrível derramamento de sangue”.

A atual presidente da Fepal, Wania Cidade, inaugura a seção *Conversações*. Em um agradável diálogo com Ximena Méndez, ela reflete sobre os momentos dramáticos que a América Latina vive devido à escalada da violência causada pelas desigualdades propiciadas pelo autoritarismo dos governos. A entrevistada propõe que as instituições psicanalíticas ofereçam oportunidades de formação àqueles que não dispõem de recursos financeiros.

Esperamos que esta iniciativa seja benéfica para cada um de nossos leitores.



# PERSPECTIVAS

## 2. A nuvem do golpe

*Ana Valeska Maia Magalhães*

A previsão meteorológica para o domingo, dia 08 de janeiro de 2023, em Brasília, anunciava que o dia seria nublado.

De fato, a paleta do céu amanheceu cinza chumbo. Mas o peso do clima se evidenciou à tarde, quando, em marcha resolvida, milhares de bolsonaristas invadiram a Praça dos Três Poderes. Vistos à distância, seus corpos miúdos tingiram de verde e amarelo o espaço. Rapidamente ocuparam rampas e lajes, poluindo a icônica arquitetura de Oscar Niemeyer. Tal como uma nuvem de gafanhotos que atacam uma lavoura com voracidade, os vândalos passaram à parte interna dos edifícios do Palácio do Planalto, do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal para destruir o que encontrassem pela frente: arrancaram portas, quebraram janelas, despedaçaram objetos históricos, esfaquearam pinturas, picharam esculturas, rasgaram documentos. Nem o brasão da república escapou da violência da turba. O objetivo era o de materializar o plano golpista de destituir o poder recém estabelecido pelas regras democráticas, e instaurar uma ditadura no país.

Pode parecer inverossímil, mas o caos tem suas estratégias. Na atualidade a mente caótica domina uma linguagem altamente funcional dos algoritmos e organiza-se com o domínio das ferramentas tecnológicas da era digital, alimentando bolhas conspiratórias recheadas

de mentiras. Psicicamente, o apelo alcança o âmago das fragilidades mapeadas. Um cenário de ameaça constante é engendrado no subso-lo das nuvens na internet. O porta-voz do delírio negacionista apresenta-se como um pai ungido pelo divino, que não teme a lei. E os filhos, empoderados pela chancela da autoridade paranoide distan-ciam-se da realidade, acreditando que tudo podem.

Acatar o resultado das eleições é o que se espera no pacto civiliza-tório. Negar a derrota é minar a possibilidade de convivência democrá-tica. Esse desafio de sustentar a democracia se faz urgente, sobretudo nas frágeis democracias na América Latina, forjadas no que persiste de ranço colonialista, hierárquico e racista. No Brasil, a Constituição Fe-deral consagra a dignidade da pessoa humana e o pluralismo político, e pretende promover o bem de todos, tendo como uma de suas metas erradicar a pobreza e a marginalização. Dentro do histórico de injusti-ças sociais que nos marcaram como povo, a efetivação desses objetivos demanda uma série de mudanças estruturais que não se farão sem o amadurecimento de uma sociedade que se responsabilize pela manu-tenção da verdade, que honre a sua memória e que se esforce para pro-mover uma reparação. Ser firme no respeito às leis é a própria condição de garantia do contraditório e de justiça social.

O antigo relógio trazido por Dom João VI, quando a família real portuguesa desembarcou no Brasil no início do século XIX, foi trans-formado em carcaça durante a invasão em Brasília. Simbolicamen-te, esse ato levanta uma questão: era a intenção dos vândalos parar o tempo? Retroceder a um momento sem garantias de inclusão social?

A arte ser um dos alvos prediletos de depredação cultural de quem não suporta conviver com a diversidade possivelmente tem relação com as possibilidades de leitura que ela traz acerca do que nos perpassa. Por exemplo, em 2019, também em Brasília, um grupo agitava bandeiras do Império. O anacronismo da cena que clamava o retorno do rei chamou a atenção do artista Cadeh Juaçaba, que há al-guns anos desenvolve em seus trabalhos um questionamento crítico

sobre a utilização e apropriação dos símbolos oficiais, tal como os bolsonaristas fizeram com as cores e a bandeira de nosso país. A imagem da obra do artista “Postos Opostos”, de 2021, dialoga com os textos dessa edição do Conexão Fepal.

O golpe do dia 08 de janeiro fracassou, mas o que nutre o fantasma do golpe continua a nos rondar. Por essas e outras, a implicação dos psicanalistas nas questões sociopolíticas é urgente. Diante da pesada nuvem que se formou serão necessárias ações contínuas em favor do fortalecimento democrático. A luz de um futuro comum multicultural e multiespécies, com sustentabilidade planetária e estabilidade democrática, necessita de novas percepções e ações. Desaprender fórmulas gastas, reinventar a vida, reaprender com a sabedoria dos povos ancestrais da América Latina. Há muito o que fazer, ressignificar, ressonhar.

### 3. Democracia à deriva

*María Luisa Silva*

Comunicar com alguma clareza o que está acontecendo no Peru parece-me uma tarefa muito difícil. A situação é extremamente caótica e confusa, devido à multiplicidade de fatores envolvidos. O estopim foi a tentativa fracassada de golpe e a demissão do ex-presidente Pedro Castillo. Como reação, uma população enfurecida que, desconhecendo essa tentativa de golpe, culpa as manobras do Congresso da República e a sucessora Dina Boluarte pelo que consideram uma injusta deposição do poder de quem fora o ex-presidente que, pela primeira vez, os representava.

A partir disso, desencadeia-se a onda de violência e várias manifestações desarticuladas de marchas e bloqueios se alastram por todo o país, agregando às justas reivindicações, oportunismo político, poderes econômicos legais e ilegais, vandalismo criminoso, entre outros. A resposta perigosamente errada do governo é o uso de mais violência indiscriminada que, em uma tentativa de neutralizar os manifestantes “com punho de ferro”, mata cegamente mais de 50 cidadãos. O novo governo demonstra assim sua incapacidade de permanecer dentro dos limites da institucionalidade e sua surdez para ouvir as exigências de uma população há muito esquecida. Dessa forma, a violência aumenta e se espalha em todas as áreas da vida social, através de atitudes conflituosas e polarizadas que impedem completamente o diálogo entre os peruanos.

Como pode haver diálogo quando a discriminação, o racismo e a intolerância pelo diferente surgem com grande crueza nestes tempos turbulentos? Uma severa crise – onde o desgoverno, o tribalismo, o fanatismo do pensamento único e o ataque à alteridade dominam o cenário social e político –, nos coloca não apenas diante de uma democracia ameaçada, mas diante da impossibilidade de sentir sequer que somos compatriotas.

Infelizmente, não mais nos surpreendem estes ciclos de instabilidade e violência em um país onde as regras da institucionalidade democrática estão à deriva e são constantemente desrespeitadas. Crises e desencadeadores políticos atuais ou de médio prazo, mas que nos remetem a fissuras atávicas que existem desde a fundação de nosso país.

Esperamos poder utilizar esta experiência convulsiva para começar a elaborá-la verdadeiramente. Uma elaboração que deve visar a indispensável recuperação da confiança na institucionalidade, com um governo que escute com atenção e empatia as reivindicações daqueles que se sentem negligenciados.



## 4. Democracias latino-americanas ameaçadas

*Fernando Orduz*

Minha nação se engalana diante do espelho dos ideais democráticos com a convicção de ter sustentado sem fraturas a ordem imaculada desse sistema por 65 anos.

Às vezes, os conceitos servem como telas encobridoras que não permitem ver o que está acontecendo por trás da superfície maquiada. Sob o manto da chamada democracia mais antiga do continente, esconde-se uma dinâmica social baseada em um fratricídio feroz que não cessa em seu horrível derramamento de sangue. Durante estas décadas democráticas, o genocídio tirou a vida de aproximadamente 200.000 civis, 70.000 ainda estão registrados como desaparecidos, quase 40.000 cidadãos foram sequestrados, 15.000 foram vítimas de violência sexual, 4.000 vítimas inocentes de minas terrestres *antipessoal* e 8 milhões tiveram que deslocar-se dentro do território.

Dentro desta bela democracia, todos sentem que representam a lei e, em nome da verdade com a qual cada cidadão se identifica, fazemos justiça com nossas próprias mãos e armas; porque a representante de Temis em nosso território é cega, surda, muda e tetraplégica. Ao contrário dos prepotentes representantes de Ares, que orgulhosamente ostentam seus símbolos fálicos, visto que somente com seu fogo pudemos salvar a democracia.

Aquele que vive na outra margem de nossos ideais é visto como um bárbaro violento que desconhece a linguagem democrática encarnada apenas pelos “nós”. O bruto será sempre o outro, aquele que não é meu semelhante.

Tomara se tratasse somente de outra margem. A arquitetura social de nosso Estado democrático dividiu o país em seis estratos: o da plebe, cheio de índios ressentidos e negros preguiçosos, é estigmatizado com o número 1; a partir daí subimos até chegar ao ápice da pirâmide marcado com o número 6, o das pessoas de bem, geralmente com uma tez pálida. A desigualdade social está formalizada e criou fronteiras visíveis e invisíveis.

A cada quatro anos a festa democrática – como é chamado em meu país o ritual de eleição do Messias do dia – funciona como um fetiche de encobrimento que nos impede de ver a polimorfe perversa poliarquia de pequenas elites ou máfias, que só procuram satisfazer o apetite pelo poder de seus interesses monetários. Se os indicadores econômicos estão indo bem, isso significa que nossa democracia também.

Se o autocrata eleito reflete nossos ideais, nós o elogiamos; se não, nós o vilipendiamos.





*Conexão Fepal* foi desenvolvido pela Diretoria de Publicações (gestão 2022-2024) como um projeto editorial virtual, com base em um boletim informativo já existente e com o mesmo nome, que decidimos manter, e continuando com a numeração, mesmo que esta publicação tenha tomado um rumo diferente do que teve nas duas gestões anteriores.

Na árdua tarefa de divulgar notícias sobre eventos futuros, bem como de projetos e atividades realizados pelas diferentes áreas da Fepal, nos deparamos com situações que mereciam ser recuperadas da velocidade e da fugacidade, próprias das notícias, a fim de dar-lhes o espaço e o tempo necessários para pensar sobre elas. O desafio editorial foi o de estabelecer uma conexão com os acontecimentos políticos, sociais e culturais, incentivando sua leitura desde a óptica da psicanálise.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2233-0



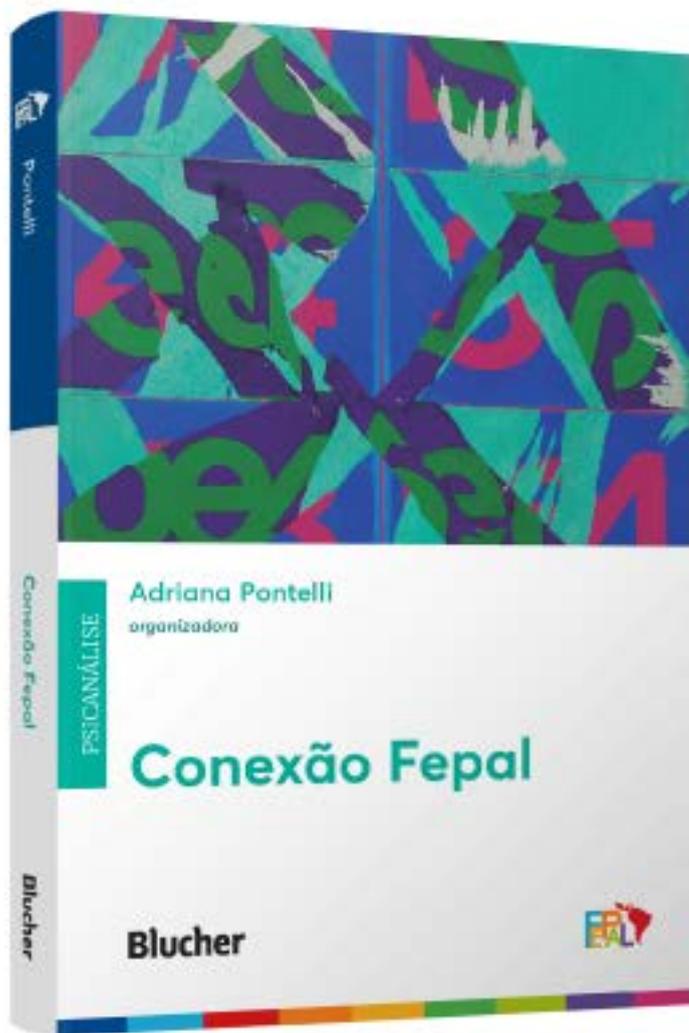
9 788521 222330



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

Série  
**Fepal**  
COORD. MARINA MASSI

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Conexão Fepal

---

Adriana Pontelli (Org.)

ISBN: 9788521222330

Páginas: 256

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024

---